

NIETZSCHE: A TRANSVALORIZAÇÃO DOS VALORES COMO FUNDAMENTO DA VIDA HUMANA

NIETZSCHE: THE TRANSVALUATION OF VALUES AS THE FOUNDATION OF HUMAN LIFE

Luiz Carlos Bento*

Resumo: Este artigo faz uma reflexão sobre a crítica elaborada por Nietzsche aos valores da moral cristã presentes nas obras *O Anticristo* e *Assim Falou Zaratustra*, buscando compreender o conceito de auto-superação, que atua como um ponto de culminância para os principais conceitos de sua filosofia. Ao longo desta análise tornou-se necessário avaliar alguns aspectos narrativos e literários presentes na composição das obras e que são importantes para que possamos compreender o discurso nietzscheano, respeitando sua linguagem e seus objetivos.

Palavras-chave: Auto-superação, moral, Friedrich Nietzsche.

Abstract: This article makes a reflection on the critical one elaborates for Nietzsche to the values of the Christian moral gifts in the workmanships *O Anticristo* and *Assim Falou Zaratustra*, searching to understand the overcoming concept, that acts as a point of culmination for the main concepts of its philosophy. Throughout this it analyzes became necessary to evaluate some narrative aspects and literary gifts in the composition of the workmanships and that they are important so that let us can understand the nietzscheano speech, respecting its language and its objectives.

Key-words: Self-overcoming, moral, Friedrich Nietzsche.

Este artigo vislumbra apresentar a leitores não familiarizados alguns elementos conceituais da obra de Nietzsche, fazendo uma reflexão sobre os principais conceitos de seu pensamento, que estão sistematizados respectivamente nas obras *Assim Falou Zaratustra* (1885) e *O Anticristo* (1888). A exposição e interpretação dos conceitos não obedecerão à ordem cronológica de publicação das obras em função da intencionalidade que está subjacente ao texto, e que busca analisar o discurso contra-valorativo nietzscheano, pontuando sua rejeição aos valores da moral judaico-cristã. A análise das críticas produzidas por Nietzsche à moral de seu tempo torna-se por este viés fundamental para que possamos compreender o conceito de auto-superação, que na ótica de muitos interpretes é o principal objetivo de sua filosofia.

* Professor do departamento de História da UFG. Mestre em História pela UFG. Contato: luizc.bento@yahoo.com.br. Artigo enviado em: 12/03/2011, e aceito em: 20/04/2011.

No decurso desta jornada buscamos analisar alguns elementos textuais que caracterizam as obras em questão, buscando fazer uma análise de seus aspectos literários, visto que Nietzsche usa de inúmeros recursos lingüísticos e retóricos na composição dos seus textos. Não temos a intenção de fazer uma tropologia de suas obras, mas apenas refletir sobre o caráter literário e a diferença de estilos presentes em seus textos que estão sob o crivo de nossa análise.

Ao longo desta viagem introspectiva que estamos propondo ao, até certo ponto, fascinante universo nietzscheano, estamos interessados em entender a importância de suas análises para o desenvolvimento de um novo modelo de se pensar o mundo e as representações que elaboramos sobre ele. Como bons argonautas estamos preocupados em não perder a referência de nosso vela de ouro analítico, que em síntese, tem como objetivo central compreender a importância que a leitura e a compreensão dos conceitos produzidos por este pensador da segunda metade do século XIX tem para nós homens do século XXI, sobretudo para aqueles que como eu, professam ser estudantes de história.

No livro *O Anticristo*, Friedrich Wilhelm Nietzsche projeta todo seu rigor filosófico sobre a religião cristã, pois se empenha em provar que este foi o maior desastre já ocorrido no mundo ocidental e em todas as partes do globo para onde essa religião foi exportada.

O núcleo central dessas críticas vorazes não é Jesus Cristo, isso é claro em seus escritos, mas sim contra aqueles que criaram a sua representação e o transformaram, na melhor das hipóteses de um simples homem, em um santo, que curava doentes e fazia milagres. “*Jesus foi o único cristão que já existiu, e quando ele morreu, o evangelho morreu com ele*”. Com isso, o autor fala que os princípios da religião cristã são totalmente equivocados.

De acordo com o autor, os discípulos Pedro e Paulo, são os grandes vilões da história da humanidade, são eles os culpados por essa tragédia que domina quase o mundo inteiro e se chama cristianismo. Os discípulos se encontravam ressentidos com a suposta morte de Jesus, e queriam vingança, assim “*O Deus único e o filho único de Deus*”, são produtos do ressentimento. Foi assim que surgiu a noção de “*Reino de Deus*”, que vivia para julgar seus inimigos e puni-los. Dando origem a uma pergunta: *Como Deus pôde permitir que Jesus morresse?* Para saná-la forjaram então uma resposta absurda, ou seja: “*Ele deu seu filho pelo perdão dos pecados do povo, sacrificou seu próprio filho para salvar a humanidade*”.

(...) foram sendo introduzidos pouco a pouco no tipo do salvador: a doutrina do julgamento e do retorno de Jesus, a doutrina da morte como sacrifício, a doutrina da ressurreição de todos no último dia. (NIETZSCHE, 2003, p.78)

Desde então foram criadas noções morais e valores que a humanidade deveria crer e seguir porque era o que desejava o “*filho de Deus*”, que foi enviado ao mundo exclusivamente para mostrar aos homens o que eles deveriam fazer para agradar ao “*altíssimo*”. Valores esses que na ótica nietzscheana enfraqueciam e acovardavam os homens cada vez mais, pois esses valores, só visavam o bem estar do cristianismo, ignorando o bem estar e as necessidades dos seus seguidores. Assim, a religião cristã cresceu e se fortaleceu, adquirindo e ampliando seu poder sobre as pessoas.

Algumas das noções básicas de moral e valores que o cristianismo prega aos seus seguidores são; fé, obediência, caridade, esperança, humildade, perdão, gratidão e compaixão. Também ensinando a desprezar o próprio corpo juntamente com suas necessidades fisiológicas e ignorar a ciência, pois o cristão não deve buscar mais sabedoria do que precisa para servir a “*Deus*”, pois se mantivessem os seus seguidores na ignorância da realidade, eles continuariam a acreditar em tudo que dissessem, e manteria sua fé inabalada, o que sem dúvida, era uma grande vantagem para os “*homens da fé*”.

As duas noções de “*pecado*” e “*castigo*” trouxeram uma grande vantagem para o cristianismo, permitindo-lhes ter o domínio maior sobre os cristãos. O sacerdote torna-se peça fundamental nessa religião, pois os crentes precisavam com urgência de alguém santificado o bastante para orientá-los e ajudá-los a serem bons cidadãos e bons cristãos.

O pecado, a noção de culpa e castigo foram inventados e jogados contra a ciência, pois o homem não pode olhar para fora: ele deve olhar para dentro de si mesmo. O homem não deve olhar com inteligência e intenção de aprender, deve apenas sofrer de tal modo que sempre precise de um sacerdote para ajudá-lo. (NIETZSCHE, 2003. p. 94)

Nietzsche considera o cristianismo um vício, mas não um vício simples e comum, mas o mais nocivo e mortal de todos eles, pois além de abranger quase todos os seres humanos, uma vez que se vê envolvido no cristianismo e se torna um cristão, dificilmente consegue deixar de sê-lo, pois é um vício que ninguém procura combater e lutar contra ele, sendo que acreditam que não há necessidade para isso, sem dizer que seria considerado pecado e as conseqüências dessa dúvida poderiam se tornar muito sérias.

A obra *O Anticristo* se opõem veementemente à religião cristã, e considera tudo o que parte dela como algo imundo, impuro e nocivo, considera que tudo que pregam os sacerdotes

dessa religião como invenções e mentiras que eles espalharam com a intenção de conquistar e se manter no poder. Para conseguirem alcançar esse objetivo, pregam a miséria, a abnegação e a opressão dos instintos, a condenação do prazer, a busca pela sabedoria, enfim a negação da vida em prol de uma grande recompensa no além: a vida eterna no céu, ou seja, uma ficção.

Com o surgimento do cristianismo, a humanidade transformou-se em um rebanho, em um animal doméstico e fácil de controlar, ou seja, transformou-se num cristão. A Religião Cristã construiu uma falsa verdade moral, virtude e santidade, que os homens acolheram como uma verdade absoluta e sem necessidade de contestação, acolhendo o cristianismo e se baseando em seus ensinamentos para suas vidas, mesmo que para seguir esses ensinamentos tivessem que fazer uma renúncia a tudo que gostavam e que sempre acharam normal e comum, simplesmente pelo motivo de que o cristianismo ensinava que era pecado e desagradava a Deus.

Durante muitos anos, o homem da ciência era visto como inimigo de Deus, de acordo com Nietzsche, a religião cristã classificou todos os valores mais elevados da intelectualidade e da ciência como pecaminosos. De certa forma quando se tem fé, se torna desnecessário o conhecimento, há então o descrédito da razão das investigações intelectuais, o caminho da verdade, se torna o caminho proibido. Os sacerdotes manifestavam publicamente desprezo contra o entendimento, e a ciência; e olhavam tudo isso do alto, como se apenas prejudicassem o ser humano. Com isso, conseguiram manter por muito tempo, a maioria da população do mundo ocidental, longe das leituras e das pesquisas científicas, sendo que poucas pessoas tinham permissão para ler até mesmo o livro que todos consideravam sagrado: a bíblia. “*A fé um veto contra a ciência*”. (NIETZSCHE, 2003, p.90).

A compaixão é uma das muitas características que a religião cristã considera como uma grande virtude. Entretanto, de acordo com a “*moral nobre*”, que é a pregada por Nietzsche como a verdadeira moral, ela é uma fraqueza, pois a compaixão e a praxe do niilismo enfraquecem o homem, e fazem com que o seu modo de agir seja depressivo e contagioso, impedindo o desenvolvimento de instintos que visam à valorização da vida, ou seja, quando o homem sente compaixão por outro, deixa de fazer algo por si mesmo, para fazer por outra pessoa, o que lhe é prejudicial para seu crescimento pessoal.

A compaixão barra em seu conjunto a lei da evolução, que é a lei da seleção. Guarda o que está maduro para o perecimento, luta em favor dos deserdados e dos condenados da vida, confere á própria vida um aspecto mais sinistro e mais duvidoso pela massa dos fracassos de todos que ela mantém (...) a

compaixão persuade ao nada, mas não se diz “nada” diz-se ao invés disso “além” ou “Deus, ou a “bem-aventurança”. (NIETZSCHE, 2003, p.23 e 24)

Ao contrário do que muitos pensam, a retórica religiosa, não é algo que provém da infinita sabedoria divina e que só faz bem a humanidade, essa retórica nos é muito prejudicial, pois com ela, os instintos humanos se ocultam por trás de palavras doces e falsas promessas. O cristianismo mente santamente, chegando ao auge da maestria, sendo assim, o evangelho deve ser lido como “*livro da inocência*”.

Nietzsche, em *O Anticristo*, considera o cristianismo como um mundo de ficções com sua mitologia peculiar, pois todos os seus conceitos fogem á realidade. Possuindo personagens imaginários (*Deus, alma, diabo*), ações imaginárias (*pecado, obediência, boas e más ações*) e principalmente, conseqüências imaginárias (*castigo, punição, recompensa, vida-eterna, céu, inferno*).

O cristão, que na maioria das vezes já nasce nessa condição, acredita em todas essas ficções e mesmo quando já adultos, renegam até mesmo a possibilidade de estarem seguindo uma falsa doutrina, de estarem sendo enganados, pois estão acostumados em seguir o caminho indicado como correto pelo cristianismo, e o mais agravante nisso é que na maioria das vezes não conseguem sequer imaginar suas vidas longe dessa religião, que lhes domina a vida e os tornam dependentes, e que o autor considera como desprezível e decadente. “*Esse puro mundo de ficções (...) falsifica, desvaloriza e nega a efetividade(...). Esse universo de pura ficção é a expressão de um profundo mal-estar diante do real*”. (NIETZSCHE, 2003, p.34)

Ao invés de acreditar no que não existe e negar a vida em prol de ficções, o homem deve acreditar em si mesmo e fazer de sua vida fonte de superação, ou seja, o homem deve ser seu próprio deus, venerar suas qualidades e buscar alcançar sempre mais, por seus próprios esforços e méritos.

No entanto, segundo Nietzsche o homem precisa de um deus, um ser que possui poder e que pode ser tanto amigo (*se seguir seus ensinamentos*) ou inimigo (*se o desobedecer e não adorá-lo*), um deus para que os humanos possam buscar num momento de dificuldade, que os faça sentirem-se culpados ao cometerem atos “pecaminosos”, que lhes aliviem a consciência concedendo-lhe o perdão quando estiverem sentindo-se arrependidos, e principalmente, um deus que lhes permitam entrar no céu e terem vida eterna, se seguirem obedientemente seus mandamentos.

O povo (...) precisa de um deus. Um tal deus que tem poder de ser útil e pernicioso, tem de poder ser amigo e inimigo e que é admirado no bom e no

ruim (...) tem-se tanta necessidade do deus mal quanto do bom.
(NIETZSCHE, 2003, p.35)

Nietzsche considera que o cristianismo foi à maior desgraça que aconteceu sobre a humanidade, porque foi vitorioso, já que um modo de pensar mais real e útil morreu por causa dele. Com o surgimento da religião cristã, “acabou-se a paz que reinava no mundo”, a causalidade natural da vida. A moral que sempre fora uma expressão da vida e do povo, tornou-se algo contrário à vida e ao povo, fazendo com que todas as coisas se tornassem malignas, pois de repente, as pessoas perceberam que tudo o que pensavam ou faziam poderiam ser pecado, tinham que se preocupar em não manchar a “moral”, que toda pessoa deve possuir, para ser um bom cristão.

A moral se torna um olhar maligno lançado sobre as coisas: o acaso perdeu sua inocência, a infelicidade contaminada pela noção de pecado, o bem-estar considerado como perigo e tentação, o mal-estar fisiológico envenenado pelo verme da consciência. (NIETZSCHE, 2003, p.51)

O autor denomina o cristianismo como a única grande maldição e corrupção que se abateu sobre a humanidade. E que temos que combater o cristianismo, sendo que o primeiro passo para isso, é utilizarmos à superação, pois é apenas através da auto-superação que conseguiremos nos libertar dessa prisão, que prende nosso corpo e pensamento no comodismo da fé ou da descrença.

A auto-superação constitui o principal tema abordado por Nietzsche em sua principal obra, intitulada *Assim falou Zaratustra*, desenvolvida ao longo do período que se estende entre 1883 a 1885. Segundo o autor, para que o homem consiga se libertar da opressão imposta pelo cristianismo é necessário que ele se imponha contra o princípio de conservação pregado pelo mesmo. Ou seja, o homem para conseguir encontrar a si mesmo, ser o que se é, precisa tentar se auto-superar a cada momento, a cada dia, e o primeiro passo para isso, é romper com a idéia de conservação pregada pela religião cristã, pois é uma exigência da superação, estar sempre em oposição ao princípio de conservação, que visa apenas o bem-estar da igreja, enquanto o homem se afunda cada vez mais em um abismo, ao qual os tornam fracos e dependentes de algo maior, externo e quase sempre fictício (*Deus, Igreja, Estado*).

O princípio de conservação, foi inventado pelos mais fracos para a manutenção da vida, por isso é elemento constitutivo de uma humanidade fraca, arrebanhadora, falhada, bufônica e decadente, e em ultima instancia nihilista. (JULIÃO, 2000, p.09)

Ainda no prólogo do livro, a narrativa revela que houve uma transformação substancial em Zaratustra, protagonista da obra, o qual passa de alguém desiludido para

alguém esperançoso, que acumulou sabedoria em seus dez anos de exílio e agora necessita doá-la. Zaratustra se auto-superou, pois conseguiu superar a moral comum. E é exatamente isso que Nietzsche nos incentiva a fazer, nos auto-superar constantemente.

Para este pensador os valores que sempre nos foram passados são absurdos, pois são completamente desprovidos de sentido, porque visam apenas atender os princípios da conservação. Um dos principais ensinamentos que o homem precisa seguir para a sua superação é a morte de Deus, porque é extremamente necessário que consiga “matar” deus de sua mente, pois a “salvação” do homem está em se auto-superar e não em crenças infundadas que apenas o prejudicam, ou seja, a salvação do homem não está nele ser crente em um Deus, nem em temer um demônio, e sim na sua crença e busca pelo homem superior.

Deus morreu e com ele foram derrocados todos os antigos valores, e mais ainda, foi revelada a impossibilidade de estabelecermos verdades últimas acerca do mundo e da realidade. A realidade múltipla, contraditória e móvel, não é um impedimento para a elevação do homem; ao contrário, é sua condição necessária. (JULIÃO, 2000, p.18)

Zaratustra nos mostra na seção “**O Homem mais feio**”, que quem consegue matar deus, já se torna um homem superior, pois essa é uma tarefa difícil, e que é preciso muita coragem para que se possa matar deus e seguir sua vida adiante, sem arrependimentos e com fé apenas em si mesmo e em sua capacidade de vencer. O Eterno Retorno, também é um tema muito explorado por Nietzsche em *Assim falou Zaratustra*, segundo ele, é da experiência do eterno retorno que o super-homem surgirá como tipo criador de uma vontade livre, que quer sempre se superar e se elevar. O super-homem, não pode ser pensado como algo distante do eterno-retorno, pois o próprio termo “super-homem”, só faz sentido no contexto do niilismo, sendo apresentado como uma superação. O ponto desejado por Nietzsche acontecerá quando o mundo, já habitado por uma nova humanidade, passar constantemente pela experiência do eterno retorno e querer a vida tal como ela é, porém, sempre se superando e aprendendo mais a cada dia.

(...) O tornar-se o que se é, implica o ensinamento da superação, não pode ser pensado como um processo conclusivo, mas como consciência do eterno retorno de todas as coisas e de si mesmo no retorno.(JULIÃO, 2000, p.72)

Zaratustra, o protagonista da obra, mostra aos homens que para se tornarem superiores, não precisam procurar seguir outro caminho, mas continuar a seguir o que sempre caminhou, procurando apenas por algo novo, uma nova superação em cada etapa da caminhada. No entanto, de acordo com a filosofia pregada pelo personagem, não existe um

caminho a quem todos devem seguir, cada pessoa é diferenciada da outra, portanto, devem criar seus próprios caminhos.

Na doutrina do eterno retorno de todas as coisas, o tempo, é um anel perfeito. Sem início nem fim, é uma estrada que só pode ser conhecida no portal do instante. Deste portal segue uma estrada infinita para trás e para frente, sendo o instante o ponto onde as duas estradas se encontram. Assim todas as coisas já aconteceram e irão acontecer novamente numa repetição infinita. Este eterno retorno é o mais pesado dos pesos. E Zaratustra é, antes de tudo, "*o mestre do eterno retorno*". Apresenta-o, por um lado, como assustador quando não mortífero e, por outro, como libertador, como a "*fórmula suprema da afirmação*". A existência, tal como é, sem sentido ou alvo, mas retornando inevitavelmente, sem um final no nada o eterno retorno.

Regressarei como este sol, como esta terra, como esta águia, como esta serpente, não para uma vida nova ou para uma vida melhor ou análoga. Tornarei eternamente para esta mesma vida, igual em ponto grande e também em pequeno, para ensinar outra vez o eterno regresso das coisas, para repetir mais uma vez as palavras do grande meio-dia, da terra e dos homens, afim de instruir novamente os homens sobre o super-homem. (NIETZSCHE, 2004, p.172)

O conceito de Vontade de poder é outro ponto abordado por Nietzsche em *Assim falou Zaratustra* em oposição à visão de Schopenhauer, que desenvolveu a teoria de que a vida não tinha nenhum sentido racional e que todos nós éramos apenas expressões da vontade de poder, uma vontade de viver instintiva, animal, cósmica, que estava entranhada na natureza e em nós, Nietzsche irá atribuir à vontade de poder outra dimensão. Influenciado pelas teses de Charles Darwin, como a luta pela vida e a sobrevivência do mais apto, ele considerou a vontade como uma força positiva sobre o homem, uma energia que o mobiliza, fazendo-o ultrapassar os obstáculos e vencer os desafios que se lhe antepõem. Daí reduzir quase tudo na existência à luta pela vontade de poder.

Assim, para Nietzsche, a vontade de poder se baseia no conceito de que a vida é identificada como força, impulso criador, energia e princípio dinâmico de unidade de todas as funções orgânicas fundamentais, uma força que tem em si mesma o ponto de aplicação, ou seja: viver é buscar sempre mais, viver é mais do que viver de alguma maneira, e a vontade é essa pura afirmação de si. Essa afirmação da vida desde o seu estágio simplesmente biológico até a criação corporal e, sobretudo essa tensão de criação e de instauração da ordem que a vida traz consigo, é expressa, por Nietzsche, como vontade de poder. Vontade de poder é assim vontade de viver, e vontade de viver é, sobretudo capacidade de impelir a vida para uma plena realização de si.

Esta vontade de poder é vital e amoral, independe de critérios éticos, é uma espécie de pulsão incontrolável que faz com que o homem enfrente todas as vicissitudes para saciá-la. Tal concepção foi posteriormente compartilhada e re-significada por Michel Foucault em sua *Microfísica do Poder*, reforçando a visão de que a sociedade é um conflito permanente entre poderes, que transcendem a simples luta política partidária e ideológica, englobando as políticas clínicas, da saúde pública, dos sanatórios, das prisões, e nos mais obscuros e inacessíveis recônditos de nossa psique.

Zaratustra prepara o mundo e as pessoas em que vivem nele para a morte de deus e a chegada do super-homem, no entanto, o super-homem não deve ser visto como um substituto para o deus morto.

Zaratustra, além de anunciar o super-homem, necessita preparar um terreno para além das dicotomias valorativas, para que seu anúncio possa efetivar-se uma nova perspectiva deve ser implantada, superadora das dicotomias de valor e criadora de novos valores. Esse novo terreno, essa nova perspectiva, é a vontade de poder. (JULIÃO, 2000, p.73)

O niilismo também é um tema muito explorado pelo autor na obra em questão, apesar de não estar escrito com todas as letras, é uma das principais temáticas da obra, quando se trata da “morte de deus”, no entanto, o niilismo que Nietzsche é contra, é diferente do termo inventado pelo também alemão Friedrich Heinrich Jacob em 1799, que é baseada na negação de toda autoridade, seja ao estado, a igreja ou a família, e pelo que usava Dmitri I. Pisarev, para designar negação a Deus, ao espírito, a alma, as idéias, as normas e valores supremos.

Para Nietzsche o niilismo tem significação muito mais ampla e profunda. O filósofo não se refere ao niilismo russo ou alemão, mas ao niilismo europeu, ou seja, ocidental. É um movimento ou processo histórico, de raízes mergulhadas nos séculos anteriores. Sua essência consiste na morte de Deus e nas conseqüências dessa morte. O Deus morto é o Deus cristão que, para Nietzsche, representa não só a figura histórica do Cristo, mas o mundo supra-sensível em geral, e os ideais, as normas, os princípios, os fins, os valores que, colocados acima do mundo terreno, lhe davam orientação e sentido.

A negação do mundo supra-sensível e dos valores que o constituem acarreta o esvaziamento do mundo sensível, que se vê privado de consistência e de razão de ser. O niilismo não é, para Nietzsche, a interpretação deste ou daquele espírito, nem um acontecimento histórico semelhante ou comparável a qualquer outro, mas o advento da consciência de que todos os fins e todos os valores que até então davam sentido à vida humana se tornaram caducos.

A libertação, no que diz respeito aos valores até então vigentes, não somente torna possível, mas exige o que Nietzsche chama de "*transvalorização de todos os valores*", que não consiste apenas em sua modificação, mas no desaparecimento do "lugar" em que se situavam, quer dizer, do mundo supra-sensível. Concebendo o ser como valor, a metafísica, em Nietzsche, passa a ser uma axiologia, isto é, uma teoria dos valores. Não só os valores tradicionais decaem, como sua necessidade se desloca do mundo supra-sensível para o sensível, princípio a partir do qual se deve definir a nova tábua ou hierarquia de valores.

O personagem criado por Nietzsche, Zaratustra, não é um criador de uma nova religião, ele apenas quer que os homens criem novos valores que lhes dêem liberdade de fazer o que quiserem, sem se preocupar com a opinião dos outros e com isso elabora uma crítica e um questionamento dos valores que a filosofia, a religião, a política e a própria sociedade estabeleceram, através dos séculos, como pilares da vida humana e da convivência entre os homens.

Em lugar desses valores "conquistados", Nietzsche através de Zaratustra prega a transvalorização de todos eles. A incerteza de tudo, a certeza de nada, a criação contínua conduzem à recriação incessante da própria realidade. A vontade de Potência é um convite a repensar a própria existência e a vida que levamos, na tentativa de libertá-la de valores que não passam de imposições aleatórias e tabus.

Sendo assim, as virtudes são características individuais, não características comunitárias que todos devem seguir, pois cada pessoa tem sua virtude, as virtudes que são pregadas e devem ser seguidas de acordo com Igreja e com o Estado são a bondade, a compaixão, amor ao próximo, piedade entre outras, que apenas prejudicam o ser humano, no entanto, no real significado que as virtudes representam, elas sem dúvida deverão ser diferenciada de um ser humano para outro, pois a virtude é algo que nos traz felicidade, nos traz alegria, e não uma "regra", que todos os homens devem seguir.

Impronunciável ou inominável, ela não deve ser "lei de Deus" ou do estatuto humano. Devemos cultivar a nossa virtude, ou seja, cada um deve cultivar a sua, pois só assim se resgata a singularidade diluída na comunidade humana, e só assim se chega a ser o que se é. (JULIÃO, 2000, p.106).

Ao contrário dos ensinamentos da Igreja e do Estado, Zaratustra ensina a não amar e não ajudar o próximo, pois além de não nos ser útil em nada, só prejudica o amigo em questão, impedindo-o de resolver seus problemas sozinho e conseqüentemente de se auto-superar. Segundo Nietzsche ao invés de perder tempo ajudando alguém, o homem deve se

ocupar consigo mesmo. Zaratustra nos ensina que devemos superar essas “virtudes” que nos são passadas, tais como a compaixão e o perdão, por amor a nós mesmos e também a humanidade, pois apenas assim, teremos capacidade de sermos os progenitores de uma nova moral.

Envergonho-me de ter visto sofrer o que sofre, por causa da vergonha dele; e, quando acudi em seu auxílio, feri-lhe rudemente o orgulho. Grandes favores não tornam ninguém agradecido, mas apenas vingativo; e mesmo o pequeno benefício, não sendo esquecido, torna-se um verme roedor. (NIETZSCHE, 2004, p.77)

De acordo com Nietzsche, alguns séculos atrás, o povo criava a sua própria tabua de valores, e com ela avaliavam as pessoas e seus comportamentos, no entanto, Zaratustra revela que não há valor real nas coisas, todo valor é atribuído pelo homem, todo valor é interpretação e acaba sendo uma avaliação desnecessária, pois é através dessa avaliação que os valores são trazidos para a vida.

Tudo o que tem algum valor no mundo atual, não o tem em si, não o tem por sua natureza – a natureza é sempre sem valor: - porem, se recebeu algum dia valor, como uma dádiva, fomos nós os doadores! Fomos nós que criamos o mundo que diz respeito ao humano. (NIETZSCHE Apud JULIÃO, 2000, p.116).

O niilismo, portanto, tal como Nietzsche o concebe, não consiste apenas na desvalorização dos valores supremos aceitos, pois a ruína desses valores torna urgente a criação de novos valores que os substituam. O niilismo seria a característica desse estado intermediário, entre o crepúsculo dos deuses antigos e o anúncio do mundo novo, feito à imagem e semelhança do homem, mas não de um homem qualquer, mas sim do homem superior, neste sentido percebemos que Nietzsche é um “humanista radical”.

Em Nietzsche, o termo Niilismo designa, a crise ameaçadora na qual está lançado o mundo moderno, a desvalorização dos valores universais que lança a humanidade na angustiante situação de que nada mais tem sentido(...), na medida em que tem conduzido o processo evolutivo da humanidade, o niilismo se fez sempre presente como sua lógica interna, antes e depois de sua detecção. (JULIÃO, 2000, p.86)

Em *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche faz alusão ao “último-homem”, que no conceito nietzscheano não deve ser entendido como extinção, porque é um dos últimos produtos da humanidade decadente, é exatamente o oposto do super-homem, mas como aquele que habita num mundo de super-homens, que seguem o ensinamento do eterno retorno, da vontade de potencia e da auto-superação, ainda insiste em viver em prol de algo superior a ele, ou seja, não é capaz e se elevar, de se superar, e que não faz absolutamente nada para mudar seu modo

de vida, pior, usa de todas as artimanhas para prolongar sua existência diminuída, mesquinha e artificial, ou seja, o “último-homem”, é aquele que é incapaz de aprender a se auto-superar, e que fica feliz em seguir a vida do jeito que o “destino” lhe reservar. Quando Nietzsche se refere ao último homem, se refere ao homem atual, ao homem moderno, mas também contemporâneo, ou seja, o homem pequeno burguês, que em certo sentido é contemporâneo a ele e a nós.

Nietzsche dizia que no futuro só haveria dois tipos de seres humanos: O “Super-Homem” e o “último homem”. O primeiro era o herói cultural, do qual ele mesmo se imaginava o protótipo, que, reconhecendo a radical historicidade e, portanto inocuidade dos valores se colocava acima de todos eles e inventava livremente seus próprios valores, como o pequeno deus de um microcosmo autônomo, altivamente pisoteando a “verdade”, o “bem”, o “mal”, a “humanidade” ou o que quer que tenha o desprazer de atravessar o seu caminho de glórias autolátricas. O “último homem”, ao contrário, era o homem multitudinário incapaz de um pensamento próprio, reduzido à obediência rotineira e ao “espírito de rebanho”, ou seja, os homens normais com a sua entediante normalidade. Em outros termos o bom homem, o bom cristão.

O que é o amor? Que é criação? Que é nostalgia? Que é estrela? – Assim pergunta o último homem e pisca os olhos. A terra se tornou pequena então, e sobre ela saltita o último homem, que torna tudo pequeno. Sua estirpe é indestrutível, como a pulga; o último homem é o que mais tempo vive. “Nós inventamos a felicidade” – dizem os últimos homens, e piscam os olhos. Abandonaram as regiões onde é duro viver, pois a gente precisa de calor. Adoecer e desconfiar, eles consideram perigoso: a gente caminha com cuidado. Louco é quem continua tropeçando com pedras e com homens! Um pouco de veneno, de vez em quando, isso produz sonhos agradáveis. E muito veneno, por fim, para ter uma morte agradável. A gente continua trabalhando, pois o trabalho é um entendimento. Mas evitamos que o entretenimento canse. Já não nos tornamos nem pobres, nem ricos: as duas são demasiado molestas. Quem ainda quer governar? Quem ainda quer obedecer? Ambas as coisas são demasiado molestas... Nenhum pastor e um só rebanho! Todos querem o mesmo, todos são iguais: quem sente de outra maneira segue voluntariamente para o hospício... A gente ainda discute, mas logo se reconcilia, senão estrophia o estômago. Temos nosso prazerzinho para o dia e o nosso prazerzinho para noite, mas prezamos a saúde. “Nós inventamos a felicidade”, dizem os últimos homens e piscam o olho”. (NIETZSCHE, Apud JULIÃO, 2000, p.93)

Quando chegassem os dias em que os super-homens habitassem o mundo, os homens, segundo Zaratustra, teriam passado por três metamorfoses do espírito: foi primeiramente camelos, por carregarem em si as culpas do mundo, o sentimento do pecado ensinado pelos religiosos. Depois se tornaram leões na medida em que se rebelou contra esse passado de fadigas e culpas ignominiosas, onde seus instintos puros eram condenados como pecaminosos

e, finalmente, assumiram a forma de crianças, na esperança de renascer numa nova moralidade, distinta da anterior, livres dos preceitos estabelecidos pelo bem e pelo mal.

A ação criativa para Nietzsche, deve situar-se para além do bem e do mal, para além da moral, ou seja, não deve ser julgada por padrões convencionais de moral, mas pela grandeza de seu desempenho de querer sempre se superar. O ensinamento da autonomia criativa, no pensamento de Nietzsche, revela-nos uma noção estética da ação e da liberdade, em que os atos não são avaliados por suas ambições ou conseqüências morais, mas em função do seu esforço para se elevar, esse é o caminho do criador. (JULIÃO, 2000, p.119)

Sendo assim, percebemos que Nietzsche, considera a auto-superação como o ápice de todas as coisas, não importando o processo que será utilizado, desde que o resultado final seja a superação constante do ser humano, neste sentido, a criança é o personagem simbólico que representa a dimensão criativa que deve fazer parte da vivência dos indivíduos, pois ela enxerga o mundo como algo novo a cada experiência vivida.

Embora Nietzsche possua um estilo filosófico inconfundível, suas obras apresentam diversas variações lingüísticas, passando do aforismo a um estilo quase epopéico onde seus personagens aparecem como símbolos caricaturais de uma crítica filosófica, tal qual pode ser percebido em *Assim Falou Zaratustra*.

Em função desta riqueza de estilos torna-se importante avaliar as variações literárias presentes nas obras e no pensamento nietzscheano. O significado de literatura está normalmente associado à idéia de estética, ou melhor, da ocorrência de algum procedimentos estéticos. Um texto é literário, portanto, quando consegue produzir um efeito estético, ou seja, quando proporciona uma sensação de prazer e emoção no receptor. A própria natureza do caráter estético, contudo, reconduz à dificuldade de elaborar alguma definição verdadeiramente estável para o texto literário.

Na história do cristianismo, a parábola tem sido um instrumento habitual e eficiente de pregação da fé. O termo é derivado do grego parabolê, que significa comparação, ou semelhança. Parábola é uma composição literária em forma de pequena narrativa fictícia, de intenção moral e espiritual, que tem geralmente por final uma atitude moralizadora ou espiritualizante.

A origem da parábola deve ser buscada na Grécia, onde não passava de simples ilustração ou nota explicativa. À medida que evoluiu na história literária, a parábola passou a incluir a comparação de um objeto real com o conceito abstrato que se pretende transmitir, mediante semelhanças apropriadas à clara compreensão.

A obra *Assim falou Zaratustra*, pode ser considerada como literária porque Nietzsche ao escrevê-la, preocupou-se com sua forma, ao mesmo tempo em que se preocupava em passar ao leitor, suas idéias.

Para contar a história de Zaratustra, o autor utilizou à mesma linguagem que foi utilizada para escrever a bíblia, usando até mesmo as parábolas, que são uma de suas características mais marcantes. Nietzsche ao fazer uso da linguagem bíblica, faz uma crítica velada a igreja e principalmente, aos conceitos de verdade que são pregados por ela através da bíblia.

Outra característica literária existente são as figuras de linguagem, que são estratégias literárias que o escritor pode aplicar no texto para conseguir um efeito determinado na interpretação do leitor, são constantemente utilizadas no decorrer do livro *Assim Falou Zaratustra*, sendo a metáfora a mais utilizada:

Amo todos os que são como gotas pesadas que caem uma a uma da nuvem escura suspensa sobre os homens, anunciam o relâmpago próximo e desaparecem como anunciadores. Vede: eu sou um anúncio do raio e uma pesada gota procedente da nuvem; mas este raio chama-se o Super-homem. (NIETZSCHE, 2004, p.28)

Mas contendo também o polissíndeto, que consiste na repetição de conectivos ligando termos da oração ou elementos do período:

Voluptuosidade, és para todos os desprezadores do corpo(...)
Voluptuosidade, és para canalha o fogo lento em que queimam (...)
Voluptuosidade, és para os corações livres qualquer coisa inocente e livre(...)
Voluptuosidade, és a maior felicidade simbólica para a ventura e a esperança superior(...). (NIETZSCHE, 2004, p.148)

Percebe-se também, com clareza, a anáfora, que consiste na repetição de uma mesma palavra no início de versos ou frases, que também é uma figura de linguagem usada por Zaratustra, principal personagem da obra escrita por Nietzsche, e que pode ser vista no trecho:

Desejo de dominar: o açoite pungente dos mais duros de todos os corações endurecidos(...)

Desejo de dominar: o afã que sentem os povos mais vãos(...)

Desejo de dominar: ante cujo olhar se arrasta e humilha o homem(...)

Desejo de dominar: o terrível mestre que ensina o grande desprezo(...).(NIETZSCHE, 2004, p.148)

Como pode ser percebido, *Assim Falou Zaratustra*, é uma obra que possui muitas figuras de linguagem, além das citadas acima, é explícito também o pleonasma, a hipérbole, a irônia, antítese, eufemismo entre outras¹.

Iremos descrever agora, o universo formal da narrativa literária da obra em questão, de acordo com o livro *Teoria da Literatura*, de Vitor Manuel de Aguiar e Silva. O Universo Diegético é o nível da narrativa em que se descortinam as ações dos personagens, o discurso literário, enredo.

O nível da narrativa (diegese) é Extradiegético, pois o narrador é Heterodiégético, ou seja, se posiciona fora da trama, e é apenas um observador. O foco narrativo está centrado na terceira pessoa, o narrador é onipotente, onipresente e onisciente. A notação de tempo é cronológico, já que pode ser contado no calendário e os lapsos são concretos, podendo ser medidos em horas, dias e anos.

Aos trinta anos Zaratustra afastou-se da sua pátria e do lago da sua pátria, e dirigiu-se á montanha. Durante dez anos gozou pro lá do seu espírito e da sua solidão sem cansar. Variaram, no entanto, os seus sentimentos, e uma manhã, erguendo-se com a aurora, pôs-se em frente do sol (...). (NIETZSCHE, 2004, p. 23)

A noção de espaço é interno, externo e interior e também exterior. Interno porque o cenário se passa em lugares fechados (a caverna de Zaratustra), mas também é externo porque a obra também possui locais abertos (bosques, praça pública, florestas, cidades) e interior e exterior porque se passa dentro e fora do pensamento do personagem principal, Zaratustra.

Existem três tipos de personagens na obra, o primeiro tipo é o Protagonista, que é personagem principal da narrativa. Sobre ele a trama é desenvolvida. As principais ações são realizadas por ele ou sobre ele, e este personagem é interpretado por Zaratustra. O Antagonista é aquele ou aquilo que atua em sentido oposto, ou seja, um adversário, e se mostra na obra como a multidão da cidade que não dá atenção ao que diz Zaratustra e ainda zomba de suas palavras, ou seja, o grande antagonista do livro é o último-homem.

Deuteragonista é o personagem que desempenha um papel secundário na trama, e em *Assim Falou Zaratustra* é representado pelo homem mais feio, o advinho, os reis, a serpente e a águia, o encantador, o papa, o mendigo voluntário, a sombra, o homem consciencioso, o advinho, o anão e o jumento. A estrutura da narartiva é tradicional, sendo que possui introdução, desenvolvimento e conclusão, de forma devidamente organizada.

¹ Esta reflexão sobre os aspectos literários e lingüísticos da obra *Assim Falou Zaratustra* foi desenvolvida em sua primeira versão em uma monografia orientada por mim ao longo do ano de 2008 que buscava entender o discurso anti-moralista deste pensador e que foi desenvolvida pela acadêmica Ariane Ferreira, reflexão esta que apropriamos dela no desenvolvimento deste texto.

O livro *O Anticristo*, foi escrito de forma totalmente divergente da obra analisada acima, pois Nietzsche escreveu de forma direta e clara, empregando as palavras no seu sentido dicionarizado, denotativamente. A linguagem utilizada é clara, e de fácil compreensão, e ao contrário do que muitos dizem, é muito coerente, pois é perfeitamente possível se entender numa primeira leitura, as ideias que ele quer passar aos seus leitores, dependendo deles é claro, aceitar ou não suas teorias.

O autor termina o livro *O Anticristo* com algumas leis contra o cristianismo, escritas da mesma forma que são registradas as leis constitucionais e justapostas da seguinte forma:

Guerra de morte contra o vício: o vício é o cristianismo

Artigo Primeiro – Qualquer espécie de antinatureza é vício. O tipo de homem mais vicioso é o padre: ele ensina a antinatureza. Contra o padre não há razões: há cadeia.

Artigo Segundo – Qualquer tipo de colaboração a um ofício divino é um atentado contra a moral pública. Seremos mais ríspidos com protestantes que com católicos, e mais ríspidos com os protestantes liberais que com os ortodoxos. Quanto mais próximo se está da ciência, maior o crime de ser cristão. Conseqüentemente, o maior dos criminosos é filósofo.

Artigo Terceiro – O local amaldiçoado onde o cristianismo chocou seus ovos de basilisco deve ser demolido e transformado no lugar mais infame da Terra, constituirá motivo de pavor para a posteridade. Lá devem ser criadas cobras venenosas.

Artigo Quarto – Pregar a castidade é uma incitação pública à antinatureza. Qualquer desprezo à vida sexual, qualquer tentativa de maculá-la através do conceito de “impureza” é o maior pecado contra o Espírito Santo da Vida.

Artigo Quinto – Comer na mesma mesa que um padre é proibido: quem o fizer será excomungado da sociedade honesta. O padre é o nosso chandala – ele será proscrito, lhe deixaremos morrer de fome, joga-lo-emos em qualquer espécie de deserto.

Artigo Sexto – A história “sagrada” será chamada pelo nome que merece: história maldita; as palavras “Deus”, “salvador”, “redentor”, “santo” serão usadas como insultos, como alcunhas para criminosos.

Artigo Sétimo – O resto nasce a partir daqui. (NIETZSCHE, 2003, p.)

Esta passagem que encerra o discurso da obra analisada é amplamente representativa das intenções do autor que se anunciava deliberadamente como o legislador de uma nova moral, que deveria ter como foco a valorização dos desejos humanos, e busca construí-la sobre os escombros da moral judaico-cristã, que ele buscava demolir com os golpes de sua filosofia de martelo.

O professor Oswaldo Giacoia Junior um de seus maiores interpretes no Brasil, entende que é praticamente impossível se colocar à altura dos principais temas e problemas de nosso tempo sem entender o pensamento de Nietzsche, que inegavelmente é um dos pensadores mais provocativos da filosofia moderna. Dentre todos os clássicos da filosofia moderna, ele talvez seja o pensador mais incômodo. Sua vocação crítica constante o levou ao submundo de nossa civilização, sua inflexível honestidade intelectual denunciou a mesquinhez e a trapaça ocultas em nossos valores mais elevados, dissimuladas em nossas convicções mais firmes, que estão presentes em nossas mais sublimes esperanças.

Essa atitude deriva do que Nietzsche entendia por “*filosofia do martelo*”. Para ele, filosofar é um ato que se enraíza na vida e um exercício de liberdade. O compromisso com a autenticidade da reflexão exige uma vigilância crítica permanente, que denuncia como impostura qualquer forma de mistificação intelectual. Por isso, Nietzsche não poupou de exame nenhum de nossos valores e crenças. O destino da cultura, o futuro do ser humano na história, sempre foi sua obsessiva preocupação. Por causa dela, submeteu à crítica todos os domínios vitais de nossa civilização ocidental: científicos, éticos, religiosos, políticos e educacionais.

Nietzsche foi um apologista da suspeita, que denunciou à moralidade e a política moderna como transformação vulgarizada de antigos valores metafísicos e religiosos, numa conjuração subterrânea que conduziu ao amesquinamento das condições nas quais se desenvolveu a vida social.

Nesse sentido, ele é um dos mais intransigentes críticos do nivelamento e da massificação da humanidade. Para ele, isso era uma consequência funesta da extensão global da sociedade civil burguesa, tal como esta se configurou a partir da Revolução Industrial. Sua teoria dos valores e seus perspectivismos foi matéria prima para alguns dos principais estudiosos do século XX, tais como: Deleuze, Foucault, Russell, Heidegger, Sartre entre tantos outros de similar importância, que alicerçando em suas idéias, demonstrando seus limites, rechaçando seus equívocos e valorizando seus aspectos positivos, forjaram sobretudo, no pós-guerra novos campos para a Filosofia contemporânea. Espaços estes que falam muito diretamente à teoria da história, domínio este que posso enunciar como sendo o lugar de fala e de escrita que assumimos enquanto cientistas da cultura.

Diante disto, reafirmamos a importância de Nietzsche na atualidade, seja como filósofo, como filólogo, ou como educador. Entender Nietzsche e superá-lo é tarefa primordial para quem pretende ser estudante de história.

BIBLIOGRAFIA

CÂNDIDO, Antônio. O portador. In: NIETZSCHE, F. *Obras incompletas vol. II*. Posfácio. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche educador*. São Paulo: Scipione, 2003.

GIACOIA Jr. *Nietzsche & Para além de bem e mal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

JULIÃO, José Nicolao. *O Ensino da Superação em "Also sprach Zarathustra"*. São Paulo: Unicamp, 2000

LAROSSA, Jorge. *Nietzsche & a Educação*. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

MARTON, Scarlett. Prefácio. In: DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche educador*. São Paulo: Scipione, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Assim falou Zarathustra*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos Ídolos ou como filosofar a marteladas*. Tradução de Carlos Antonio Braga. São Paulo: Escala, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *O Anticristo*. São Paulo: Scala.

_____. *Escritos sobre Educação*. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004.

_____. *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.